

Poesia católica

La religion seule est restée toute neuve, la religion
Est restée simple comme les hangars de port-aviation.
Seul en Europe tu n'es pas antique, ô christianisme.
L'Européen le plus moderne c'est vous papepiex.

Quando Guillaume Apollinaire escreveu, no princípio deste século, estes versos que abrem o mais famoso de seus poemas, “Zone”, havia de estar, na certa, consciente da sua profunda significação profética. Não é por acaso que o chefe do mais importante movimento de arte e poesia *moderna* tenha sido ao mesmo tempo o observador e comentador poético desta profunda verdade - que a religião católica é sempre moderna; ela detesta o *velho*, mas conserva o *antigo*. Uma das razões disto é que ela não acompanha o homem e a vida numa só época. O estudo de um homem dentro do tempo isca o homem em um momento determinado. O presente de um homem é, porém, um resultado de seu próprio passado e do dos seus antepassados. Os momentos e as épocas não são estanques, são ligados aos momentos e às épocas passadas. A

admirável liturgia católica celebra a vida do homem desde a sua origem até a consumação dos séculos. Uma síntese tão poderosa só pode ser feita pela encarnação de um Deus cuja vida, atos, palavras, paixão, morte e ressurreição a Igreja celebra *hoje* como há dois mil anos; um Deus que triunfou do espaço e do tempo, e cuja doutrina não está sujeita - como todas as outras sem exceção - à influência das correntes políticas e econômicas de uma época.

Curioso é que esse Papa Pio X, que no dizer de Apollinaire era o mais moderno de todos os Europeus, foi o condenador do movimento modernista em filosofia, teologia, arte e literatura. Condenou a *modernice*, muito antes de nós, modernistas exaltados, a condenarmos... esse mesmo Pio X, segundo alguns críticos musicais, foi o precursor, pelo seu *motu proprio* sobre a música sacra (em que se denuncia a falsidade da ópera), do Grupo dos 6, onde se pregou a volta de Bach e [d]a música pura.

Um homem verdadeiramente católico está sempre no seu tempo, e mais ainda com a soma dos tempos atrás de si. E tem na sua frente a eternidade, pois a vida não pode morrer - assume novas formas, continuando em purificação. O espírito católico é cioso de todos os aspectos da vida, pois reflete a paternidade que decorre da grande paternidade divina. São Paulo diz que os cristãos vivem na expectativa das coisas formidáveis que o universo vai parir. Por isto o espírito católico é eminentemente vigilante, organiza todos os elementos para o registro e inspeção de tudo que vai germinando e nascendo. Nós somos os responsáveis pelo mundo, cujas criações devemos catalogar a luz do refletor poderosíssimo que o Cristo nos legou, e que o catolicismo, inigualável *metteur en scène* da vida universal, conserva e conservará até o fim das idades.

Nosso Mestre nos diz: “O homem de Deus tira do seu tesouro, *nova et vetera*, riquezas antigas e riquezas novas”.

Este é o sentido do lema “restaurar a poesia em Cristo”. Restaurar a poesia em Cristo não é, como pensam erradamente alguns, desprezar a matéria, bater no peito e enfiar-se na sacristia. É mesmo o contrário... sair da sacristia. É apreciar, pesar, apalpar, tocar, sentir, ouvir, cheirar tudo o que a vida nos apresenta - é considerar tudo isto como parte integrante do Reino de Deus. *É ordenar a matéria a Deus*. Negar a importância fundamental da matéria é heresia. A alta, segundo a doutrina católica, informa e penetra todos os átomos do corpo. Um católico é antes de tudo, pagão; depois é que é cristão. A matéria se transforma e evolui por ordem de Deus. A matéria é bela. É a forma visível do espírito. Grandes forças da matéria se entrelaçam, reproduzindo continuamente mil edições dos pensamentos de Deus. A heresia consistia em afirmar que a matéria é uma força cega e que Deus se confunde com ela; não, a matéria é ordenada pelo espírito (e pela técnica), e Deus transcende da natureza, embora lhe esteja intimamente ligado. Todos os sentidos devem estar vigilantes para captarem os elementos de interesse poético que existem em todas as coisas. Nossa única mestra, a Igreja Católica, nos dá no seu culto quotidiano uma lição materialista de primeira ordem, atacando os nossos sentidos, para que aprendamos a sacralizar as coisas objetivas, na esperança da pacificação da matéria que se há de realizar na Igreja triunfante. No cântico dos três meninos na fornalha, que se reza como ação de graças depois da missa, lê-se o elogio de todas as formas variáveis da criação, cujo tema São Francisco de Assis retomaria mais tarde no “Cântico do irmão Sol”. Sem dúvida alguma, a força de Deus, que é de ordem transcendente e sobrenatural, vivifica todas as coisas, e a

um sinal seu a criação cairia no vácuo; mas por isto mesmo que Ele conserva a matéria pela ação da sua Providência, a importância da mesma é enorme. “O Verbo se fez *carne* e habitou entre nós”. Foi por efeito da encarnação do Cristo que a união do corpo do homem e da mulher tornou-se um ato tão belo, tão grandioso, que São Paulo o compara “à união do Cristo com a Igreja” (Efésios 5, 32), sendo elevado à dignidade de sacramento, pois pela fusão carnal o homem colabora de mais perto com Deus na obra da ampliação do mundo.

Deus opera por intermédio do homem grandes coisas. Como diz magnificamente a poetisa católica Adalgisa Nery -, cujo livro de poemas, a aparecer brevemente, a situará entre os maiores poetas do mundo, sendo um tropeço para os católicos e falsos espiritualistas - “Deus nos pede emprestados” -. Pela força do espírito Ele dilata nossa visão da matéria, tornando-nos participantes de tudo o que se passa no mundo. Não devemos, portanto, ser inicialmente otimistas ou pessimistas - o que nos levaria a um *parti pris*. A vida nos oferece em seu curso as emoções as mais opostas, emoções necessariamente opostas, pois de outra maneira não teríamos relações construtivas. A poesia católica não deve ser unilateral; nela devem se fundir a alegria e a tristeza, o espírito e a matéria, o tempo e a eternidade, pois todas as categorias são aspectos diversos da múltipla e uma Caridade que preside a vida cósmica, isto é, do Amor sem o qual não existem poetas nem a poesia.

